

Dossiê: “Antropologia e Fotografia: experimentações e etnografias”

Imagem, Religião e Território: uma experiência de curadoria digital

José Luís Abalos Júnior

Universidad Nacional de San Martín

e-mail: abalosjunior@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2821-0969>**Hermes de Sousa Veras**

Universidade Estadual do Piauí

e-mail: hermesdesousaveras@cchl.uespi.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5740-4028>

RESUMO

Religiões e imagens são campos com atravessamentos que merecem a reflexão e a experimentação. Esse texto parte da descrição sobre o processo de organização de um dossiê publicado em 2021. Nosso objetivo é compartilhar algumas dinâmicas advindas do que chamamos de curadoria digital. O artigo está dividido em duas partes nas quais abordamos, primeiramente, as conexões teóricas e metodológicas entre as investigações de antropologia da imagem e visual com a antropologia da religião. Posteriormente, apresentamos os ensaios visuais do dossiê referido, divididos em eixos como imagem em movimento, rituais e encantaria. Metodologicamente, utilizamos revisão bibliográfica das duas áreas citadas, conectadas com a proposta dos autores do dossiê e com a nossa contribuição ao debate. Por fim, abordamos as vinculações potentes entre religião e imagem, refletindo sobre como a pesquisa com a fotografia e a religião podem ter muitos pontos em conexão.

Palavras-chave: Fotografia; Religiosidade; Etnografia; Território; Sagrado.

Image, Religion and Territory: a digital curation experience

ABSTRACT

Religions and images are fields with crossings that deserve reflection and experimentation. This text starts from the description of the process of organizing a dossier published in 2021. Our objective is to share some dynamics arising from what we call digital curation. The article is divided into two parts in which we address, firstly, the theoretical and methodological connections between investigations of Image and Visual Anthropology with the Anthropology of Religion. Subsequently, we present the visual essays of the aforementioned dossier, divided into axes such as moving image, rituals and enchantment. Methodologically, we used a bibliographical review of the two areas mentioned, connected with the proposal of the authors of the dossier and with our contribution to the debate. Finally, we address the potent links between religion and image, reflecting on how research with photography and religion can have many points in connection.

Keywords: Photography; Religiosity; Ethnography; Territory; Sacred.

Imagen, Religión y Territorio: una experiencia de curaduría digital

RESUMEN

Las religiones y las imágenes son campos con cruces que merecen reflexión y experimentación. Este texto parte de la descripción del proceso de organización de un dossier publicado en 2021. Nuestro objetivo es compartir algunas dinámicas surgidas de lo que llamamos curaduría digital. El artículo se divide en dos partes en las que abordamos, en primer lugar, las conexiones teóricas y metodológicas entre las investigaciones de Antropología de la Imagen y Visual con la Antropología de la Religión. Posteriormente, presentamos los ensayos visuales del citado dossier, divididos en ejes como imagen en movimiento, rituales y encantamiento. Metodológicamente, utilizamos una revisión bibliográfica de las dos áreas mencionadas, conectada con la propuesta de los autores del dossier y con nuestra contribución al debate. Finalmente, abordamos los potentes vínculos entre religión e imagen, reflexionando sobre cómo la investigación con fotografía y religión puede tener muchos puntos de conexión.

Palabras clave: Fotografía; Religiosidad; Etnografía; Territorio; Sagrado.

Introdução

“A fotografia é um segredo de um segredo. Quanto mais te diz, menos sabes” (Diane Arbus)

A relação entre imagens e práticas religiosas tem uma historicidade de conflitos e encantamentos. Fotografias expressam certas maneiras de “crenças”, cosmologias e territorialidades da vida religiosa, a custos de novos estabelecimentos de fronteiras e parâmetros éticos de investigação. Todavia, o que antropólogas e antropólogos tradicionalmente têm feito diz respeito mais a análise de materiais do que a produção visual em si, embora não possamos afirmar a atual dimensão do trabalho antropológico visual conectado com o tema da religião. Seja analisando imagens de práticas religiosas, seja produzindo-as, a antropologia da religião e a antropologia da imagem estabelecem entre si atravessamentos criativos. Estamos aqui, mais uma vez, nos inspirando na sétima edição de Cadernos de Antropologia e Imagem, intitulada *Imagens da Religião* (1998), que foi apresentada por Gilberto Velho. Assim, ele concluía o seu prefácio:

a sociedade brasileira, particularmente, apresenta um panorama de grande heterogeneidade e riqueza de manifestações religiosas. Perceber a sua especificidade e, simultaneamente buscar uma visão comparativa com outras sociedades é tarefa necessária e instigante para a ampliação e o aprofundamento de nossos quadros de referência. Neste número dos Cadernos de Antropologia e Imagem encontramos trabalhos que, de modos específicos, atendem a essas preocupações já mencionadas. Trata-se assim de mais uma contribuição para o amadurecimento da pesquisa antropológica, mais diversificada e criativa. (VELHO, 1998, p. 16).

Nesse número apresentado pelo antropólogo, a maior parte dos ensaios publicados eram de análises antropológicas de imagens produzidas pelo campo e agentes religiosos, em suas mídias e outros materiais. Já o nosso objetivo, ao mobilizarmos, organizarmos e realizarmos a curadoria do dossiê *Imagens da religião: paisagens e territórios do sagrado*¹(ABALOS JÚNIOR; VERAS, 2020) foi agregar em uma só pessoa quem produz essas imagens e quem se deixa pesquisar religião a partir de imagens. Dessa maneira, esse artigo é uma reflexão frutificada de uma curadoria focada sobre o processo de construção e montagem de um dossiê que buscou relacionar o tema da fotografia com o da religião.

¹ A partir daqui, quando mencionarmos *Imagens da Religião*, estamos abreviando o título do dossiê organizado por nós. Não confundir com o *Imagens da Religião* de 1998.

Este processo de construção do dossiê, publicado na revista *Fotocronografias*, envolveu desde a produção de uma chamada, aceite da comissão editorial do periódico para o número proposto, passando pela divulgação da chamada em redes acadêmicas (grupos de pesquisa, professores e estudantes que pesquisam a temática) e redes sociais (Facebook, Instagram e Whatsapp). Foram recebidos mais de trinta trabalhos e, por fim, com a curadoria e edição das pesquisas, houve a publicação do dossiê com 16 ensaios.



Figura 1: Chamada do Dossiê. Fonte: Thayanne Tavares (Thay Petit)

Por curadoria digital entendemos a exposição, manutenção e preservação de dados de pesquisa digital ao longo de seu ciclo de vida (ROCHA; CERVO, 2019). Aqui percebemos o espaço da revista *Fotocronografias* através de uma chamada para um dossiê sobre religião e imagem como uma estratégia de agregar narrativas fotográficas nas quais temas como sagrado, território, encantaria, entre outros, se explicitasse imageticamente na proposta da edição. Nosso papel enquanto organizadores-curadores foi associar os trabalhos recebidos aos eixos de sentido na proposta e refletir sobre uma exposição digital criativa do material. Cabe mencionar que a atuação de um de nós no campo dos estudos de encantaria e religiões de matriz africana atraiu um maior número de trabalhos recebidos por pessoas pesquisadoras e fotógrafas dessas áreas. A organização e distribuição dessas pesquisas em três eixos temáticos evidenciará esse processo.

Este texto está dividido em duas partes. Em um primeiro momento, trazemos uma retrospectiva teórica sobre o tema da imagem, com especial atenção à fotografia associada ao campo religioso brasileiro. Questões de espaço, imagem, religião, território e sagrado se atravessam criativamente nos trabalhos acolhidos pelo referido dossiê e coube a nós impulsionar uma perspectiva teórica em diálogo com esses atravessamentos. Já em um segundo momento, apresentamos os trabalhos que recebemos de forma a contextualizá-los em três eixos de análise: imagens em movimentos, rituais e encantarias. Por fim, refletimos sobre a experiência potente e criativa que foi organizar um dossiê repleto de significados, imagens, palavras e partilhas.

As imagens da religião, as fotografias do sagrado

Ao colocarmos lado a lado as práticas antropológicas vinculadas a religião e a imagem, podemos nos perguntar: quais as dificuldades e os debates que se dão nas fronteiras, aproximações e distanciamentos entre essas duas subáreas? Essas indagações mobilizaram a organização do dossiê que é nosso objeto de reflexão, mas também podem apontar diretrizes para pesquisas futuras. Em grande parte, essa é a nossa razão para escrever esse texto. A composição de *Imagens da Religião* parte do próprio caminho de investigação dos organizadores, que têm formação no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) junto ao Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev) e ao Núcleo de Estudos da Religião (NER).

Tanto a *Revista Fotocronografias*, quanto a revista *Debates do NER*, periódicos vinculados aos grupos de pesquisas que publicam ensaios fotográficos, se apresentam como espaços para a veiculação de publicações que costumam narrativas textuais e imagético/fotográficas. Nosso objetivo aqui é refletir sobre a organização de *Imagens da Religião*, articulando o tema da religião com o da imagem. Portanto, caminharemos junto das narrativas do dossiê: o nosso objetivo não é fazer nenhuma gênese das intercessões entre religião e imagem e sim evidenciar como esses campos se fecundam, exemplificados nas narrativas publicadas no dossiê. Para tal, apresentaremos um pano de fundo que tanto constitui essas narrativas, quanto servem para compreendê-las dentro de uma lógica de composição.

Birgit Meyer (2018) tem enfatizado que a influência da análise de Max Weber dos protestantismos irradia as análises de outras religiões, o que, por vezes, pode deixar em

segundo plano os estudos das materialidades e estéticas mobilizadas pela religião. Embora, como argumenta Miriam Rabelo, Weber aponte “para a insustentabilidade de uma separação entre religião e estética” (RABELO, 2018, p. 50), podemos extrair alguma força dessa afirmação de Meyer, embora seja evidente que essa separação é muito mais de weberianos do que de Weber.

Além disso, devemos mencionar que, nas religiões de matrizes africanas, esses aspectos estiveram presentes, justamente pelos próprios modos do ser e as formas como as corporalidades são experimentadas nessas religiões (GOLDMAN, 2005). Se as pesquisas nem sempre estiveram atentas a isso, as lideranças e os mestres dessas religiões, junto a seus coletivos, mostraram que corpo, espírito, ritmo e estética caminham compósitos, engajados com certa materialidade e reexistência.

Ao pensarmos nos marcos da relação entre religião e imagem no Brasil, Pierre Verger é uma referência inescapável. O fotógrafo, nascido na França, estabeleceu uma relação profunda com a cidade de Salvador, encontrando ali um território de permanência, duração e atualização das religiões afro-brasileiras. Fotografou lugares, situações e práticas religiosas, prolongando e difundindo imagens da religião. Além das imagens que marcam a história, o fotógrafo também influenciou outras práticas imagéticas através do que chamou de “método instintivo”, no qual privilegia-se a “naturalidade” e a “simplicidade” das expressões e dos cenários, produzindo fotografias em projetos não roteirizados. Entretanto, não se pode deixar de colocar um contraponto à sua visão relativamente idealizada do candomblé e da harmonia racial na Bahia (SOUTY, 2011, p. 421).

Dito isso, a revista *Fotocronografias* possui uma política editorial que elege determinadas linhas de investigação para seus dossiês. Nosso desafio foi refletir sobre os traspassamentos das imagens advindas do campo religioso relacionando-as com as questões de espaço e territorialidade, seguindo assim um script das ações editoriais da revista. Um primeiro movimento nesse sentido foi a inclusão da ideia de paisagem e território como elementos centrais da chamada de trabalhos.

O uso da ideia de “paisagem” — em ampliação da temática urbana proposta na linha editorial da revista — diz respeito a um campo teórico amplo que assimila diversas outras áreas do conhecimento. Para nós, este movimento de ampliação conceitual se articula na busca por trabalhos que refletissem sobre a paisagem como uma experiência ética, política e estética expressada nas narrativas fotográficas. Já no que diz respeito a ideia de território e de territorialidade (LITTLE, 2003; HAESBAERT, 2021) entendemos o papel crucial que determinados espaços visuais e religiosos têm para a organização e

mobilização dos atores sociais². Refletir visualmente sobre territórios marcados por dinâmicas religiosas implica uma diversidade de cuidados éticos relacionados ao consentimento para pesquisa, para o uso de câmeras e na restituição respeitosa dos dados visuais de investigação (ABALOS JÚNIOR; VERAS, 2020).

O dossiê não buscou trazer um panorama geral completo do campo religioso brasileiro, mas, ao produzir a chamada, desejávamos receber imagens de diversas matrizes religiosas, o que curiosamente não se sucedeu. A curiosidade nasce do fato de que diferentes matrizes religiosas estabelecem relações diversas com a imagem. Logo, um campo religioso vasto também representa práticas imagéticas divergentes. Por uma diversidade de motivos a chamada acessou mais umas redes do que outras. Portanto, tivemos quatro matrizes religiosas, nas suas heterogeneidades internas, que aqui aparecem: catolicismo (25%), religiões de matrizes africanas (38%), religiões que estão no cruzamento entre matrizes afros e indígenas (18,5%) e religiões indígenas (18,5%). Nesse quadro, fica evidente que não tivemos a submissão de trabalhos produzidos no campo evangélico. Apesar da inserção ao campo nesse meio apresentar alguns empecilhos (SANTOS, 2015) e, por consequência, a produção de imagens fotográficas não ser tão bem quista entre determinados grupos evangélicos, o uso da fotografia como recurso de pesquisa não é um interdito geral se considerarmos a diversidade apresentada por esse campo. Assim, a ausência evangélica na composição dessa curadoria digital é mais por conta de outras circunstâncias do que um retrato do campo religioso no Brasil. A filiação de um de nós a um determinado campo, evidentemente, orientou as redes acionadas para a circulação da chamada do dossiê.

Abordando questões político-geográficas, os 16 trabalhos acolhidos provêm de inúmeras áreas do Brasil e de países como Haiti, Peru e México. Há uma preponderância da região do nordeste brasileiro, seguida pela região norte e sul/sudeste. As produções atravessam vários temas, ora relacionados ao campo da antropologia visual, como o debate sobre representação imagética e restituição, ora mais ligadas ao campo da antropologia da

² Segundo Haesbaert (2021) o território é o recorte espacial definido por relações de apropriação, poder e de controle sobre recursos e fluxos baseado em aspectos políticos, econômicos e culturais. Logo o território é um espaço de disputa forjado por inumeráveis aspectos, entre eles o religioso. Neste sentido, ao refletir sobre as “imagens do sagrado” acolhidas no dossiê indicado, podemos perceber o quanto a religião é uma boa chave de entendimento para análise de territorialidades étnicas/religiosas e o quanto o uso de câmeras de captação imagética pode contribuir para esta questão. Como temos, no dossiê, um montante considerável de trabalhos sobre as religiões afro-brasileiras, cabe enfatizar parte da reflexão que Raquel Rolnik deixou sobre os territórios negros: “ao falarmos de territórios negros, estamos contando não apenas uma história de exclusão, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum” (ROLNIK, 2007, p. 76).

religião, como as relações inter-religiosas, o chamado “sincretismo”, as ritualidades e os estudos de encantaria.

Sincretismo foi um conceito mobilizado por alguns dos ensaios fotográficos. Enquanto conceito das ciências sociais, o sincretismo é geralmente utilizado para descrever, por vezes simplificar, processos envolvidos nas relações entre as religiosidades de matrizes africanas e indígenas. Entretanto, a sua utilização deve ser cuidadosa, pois como já falamos em outro lugar (ABALOS JÚNIOR; VERAS, 2020), o seu uso pode camuflar o colonialismo e racismo que solidificou o catolicismo enquanto religião central no Brasil.

Embora alguns dos ensaios reunidos e resultados da curadoria utilizem o conceito de sincretismo, a maior parte de suas imagens apresentam a potência do encontro entre religiões de matrizes indígenas e africanas. Em muitas das imagens apresentadas, aquela máxima de Abdias Nascimento se fez valer: “Só merece o nome de sincretismo o fenômeno que envolveu as culturas africanas entre si, e entre elas e a religião dos índios [indígenas brasileiros]” (NASCIMENTO, 1978, p. 109). Para o campo da antropologia da religião, o estudo de Abdias do Nascimento sobre o sincretismo endossa que as relações estabelecidas entre essas religiões não são da mesma ordem, por exemplo, do que das relações entre essas religiões e o cristianismo:

sincretismo entre diferentes religiões africanas e cultos dos índios brasileiros vem se constituindo um processo de natureza inteiramente diferente daquele ocorrido com o catolicismo — a despeito da usual e artificial identificação de ambos processos cometida por vários estudiosos. (NASCIMENTO, 1978, p. 110).

É evidente que no campo da institucionalidade do cristianismo enquanto dominante, há sucessivas tentativas de sobrecodificação das religiões de matriz africana sob o signo da cristandade, o que nunca se concretiza de fato. Na especificidade da relação afro-católica, que veremos em um ensaio apresentado nesse dossiê, perpassa um movimento de resistência negra para a preservação de parte de sua religiosidade, assim como também um movimento de criação. Esse aspecto envolvendo a criatividade e a resistência para pensarmos as relações afro-católicas foram bem trabalhadas por José Carlos dos Anjos e Ari Oro (2009), Maria da Consolação Lucinda (2016), Talita Neves (2018), dentre outras e outros.

Creemos que os ensaios visuais expostos no dossiê trazem a evidência de processos criativos, de resistência e o movimento através do contato de religiosidades. Ao

abordamos a imagem, não expressamos um conceito inflexível, mas uma plasticidade conceitual acompanhada pela inerente interdisciplinaridade das áreas e subáreas que se utilizam de imagem como forma de expressão do conhecimento. Talvez essa seja uma das especificidades do uso de imagem diante da escrita do texto antropológico, pelo menos quando esse texto está preso a cristalizações conceituais e não dá conta da vitalidade dos conceitos em acontecimento. Embora se maneje conceitos, tais como o sincretismo, a plasticidade e inventividade de composição de altares e expressões rituais apresentam configurações muito mais complexas.

Analisando as propostas de trabalhos que avaliamos, percebemos dois perfis de narrativas imagéticas possíveis: as realizadas por pesquisadores/as do campo religioso e as mais identificadas com pesquisadores/as do campo da imagem. Os/as primeiros/as usam a câmera fotográfica como um incentivo ou um “auxílio” às suas pesquisas com práticas religiosas. Para tais pesquisadoras e pesquisadores, a entrada em campo não parte do princípio da produção de imagem, ela é uma descoberta acionada no processo de acompanhamento etnográfico. Neste cenário, de forma geral, a fotografia, desde sua produção até sua organização em coleções, não é um componente metodológico primeiro, mas um “aporte” a investigação.

Já entre os/as pesquisadores/as formados no campo da antropologia visual e da imagem, que se aventuram na pesquisa com práticas religiosas, percebemos uma perspectiva distinta. Neste caso, há processos relacionados com as práticas de consentimento e restituição, e uma maior presença do trabalho em equipes. Outra diferença significativa é o espaço da reflexão sobre imagem na metodologia da proposta de pesquisa, que vai desde o projeto até a comunicação dos resultados. A imagem aqui é fio condutor de todo o desenho de investigação e não um complemento ao que está estabelecido metodologicamente.

Estes dois perfis se complementam quando antropólogas/os da religião buscam uma formação na área da imagem, e/ou quando praticantes da antropologia visual encaram as práticas religiosas como um universo de pesquisa. Nestes dois movimentos há atravessamentos conceitual, visual e metodologicamente orientados. Esse cenário é complementado por pesquisas desenvolvidas em outras áreas, principalmente artes, arquitetura e fotojornalismo.

A antropologia visual e a difusão da Fotoetnografia

Tal gênese da trajetória de quem produziu as pesquisas nos leva a debater questões importantes na antropologia visual como a ideia de representação (GONÇALVES; HEAD, 2009; NOVAES, 2008). Aqui muitos trabalhos assumem o desafio de exporem imagens que dialoguem com as palavras, num fluxo contínuo que não se associa somente a uma descrição textual e visual. Cabe ressaltar a importância das imagens não como mera ilustração, mas como elementos que expressam aspectos por vezes ocultos quando somente analisados numa perspectiva textual das situações religiosas e ritualísticas. Isso significa que levar as imagens a sério (SAMAIN, 2012) nos dá um duplo trabalho: um relacionado ao conteúdo de pesquisa, outro que diz respeito ao trabalho das imagens. Ao escrever e fotografar a religião, este arranjo parece expressar um esforço significativo, levando em conta os imponderáveis estéticos e éticos provenientes da fotografia no campo religioso.

Diante disso, a configuração teórica e narrativa de *Imagens da Religião* rompe com o “uso de imagens em anexos”. Afinal, além de não fazer parte da estrutura de publicações que priorizem o imagético, prevê articulações criativas entre texto e imagem, conceitualmente opostas ao que é pensado dentro do aprendizado de antropologia visual e da imagem. Para Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha em texto em tom e título anedóticos: “*Nunca em anexo! pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropologia Audiovisual*” (2020), as imagens não podem ocupar anexos por ocuparem um estatuto tão importante quanto ao da escrita textual, além de apresentar suas próprias especificidades. Aliás, podemos perceber o uso da imagem como uma “prática de escrita” que pode tomar novas formas de escritura que vão além do modelo de escrita canônico.

Nesse sentido, uma postura importante de pesquisa trabalhada em muitos ensaios visuais presentes em *Imagens da Religião* é o de “fotoetnografia” (ACHUTTI, 1997). A ideia parece ser mobilizadora da produção fotográfica de muitas pesquisadoras e pesquisadores que trabalham com imagem no campo religioso. Pensada no fim dos anos noventa pelo antropólogo Luiz Eduardo Robinson Achutti, a fotoetnografia se disseminou por inúmeras redes de pesquisas que relacionam a fotografia com diversas áreas. Quando a referência é o campo religioso, a sua presença é notável. Isso demonstra o quanto o uso etnográfico de narrativas fotográficas que, em sua potência visual, passem uma mensagem que vá além do texto escrito, foi mobilizado como uma postura de pesquisa na antropologia visual no Brasil, compondo imagens que “falem por si só” (ACHUTTI, 1997).

A elaboração da fotoetnografia como postura de pesquisa atravessa diversas dimensões da pesquisa com religião. Podemos perceber isso em alguns ensaios que buscaram trazer a dimensão do cotidiano de alguma religiosidade, assim como em produções visuais que focaram no sequenciamento de imagens em movimento de algum ritual coletivo. A apreciação do conjunto de imagens que faça sentido, que possua conexões entre si e com o texto escrito, aqui é tão importante quanto a apresentação de grandes fotografias individuais. Para Achutti,

uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais, uma série de fotos que deve ter seu devido valor, o que não impede que certas informações escritas não possam ser inseridas a nível de quem vá mergulhar nestas narrativas visuais, isto é, a justaposição destas duas formas narrativas é possível e mesmo desejável. (ACHUTTI, 1997, p.109).

Ao mencionarmos as produções visuais contidas no dossiê não podemos deixar de comentar a articulação curiosa entre técnica fotográfica e dimensões culturais êmicas. Temos momentos nos quais pesquisadores e pesquisadoras, após ter um acesso inicial e relativo conhecimento sobre as situações dramáticas apresentadas em campos religiosos específicos, produzem um roteiro de produção imagética que dialoga criativamente com tais circunstâncias. Por exemplo, o uso do preto e branco e o controle da velocidade do obturador da câmera como estratégias políticas e estéticas de representação visual dos rituais. Nesse sentido, o resultado do material fotográfico estetiza as dimensões do sagrado, buscando simetrizar a criatividade fotográfica com a ritualística.

Captar movimentos através de uma baixa velocidade de exposição pode ser um diálogo interessante com uma religiosidade que sacraliza o movimento. O uso do preto e branco, que se apresenta em cinco ensaios do dossiê, também parece ser uma opção estética das pesquisas conectadas com as cosmologias dos grupos fotografados. Então, vimos aqui bons exemplos de como a técnica se associa ao êmico e de como o click fotográfico pode ser pensado de inúmeras maneiras, principalmente quando falamos de religião. Nota-se também a importância dos processos de edição, no pós-campo, no qual a reflexividade sobre os dados visuais coletados em campo é um momento relevante.

Dessa forma, todo o desenho de investigação passa por um planejamento do material imagético, desde seu projeto até a divulgação dos resultados. Como abordado, pesquisas que buscam o campo religioso como objetivo de produção imagética tendem a

requerer maior participação³ do grupo envolvido, que pode se engajar ativamente nos processos de edição das imagens coletadas em campo. Esse trabalho, por mais que seja técnico e envolva formação dos/as editores/as, é também político, no sentido de construção estética dos grupos religiosos fotografados. O espaço/momento da edição é o que desenrola conflitos e desentendimentos (RANCIÈRE, 1996) potentes que, de um lado, podem inviabilizar a divulgação imagética da pesquisa, e por outro, pode humanizá-la e materializar o que podemos denominar de uma antropologia compartilhada (CLIFFORD; MARCUS, 2016).

As imagens do dossiê

O processo de conceitualização e encaixe em categorias, que caracteriza o trabalho de curadoria digital, se deu de forma que apontamos três dimensões possíveis para o dossiê. Essa composição organiza as narrativas e aponta caminhos para futuras pesquisas se aventurarem na conexão religião e imagem. As três seções, fruto da curadoria, receberam as seguintes nomeações: “Religião em imagem e movimento”, “Ritual e (é) imagem: gestos, corpos e materialidades” e “Os encantos da encantaria: imagéticas do encantar-se”. Passearemos por alguns ensaios, destacando aspectos de suas narrativas e elaborações. Deixaremos de mencionar todas as pesquisas que compõem o dossiê porque já o fizemos na introdução elaborada para a Revista Fotocronografias (ABALOS JÚNIOR; VERAS, 2020).

Religião em imagem e movimento

Como apontamos ao longo do texto, os ensaios apresentam uma diversidade conceitual e estética para o tratamento desse eixo que denominamos de “Religião em

³ Para Teresa Caldeira (2021) a ideia de “participação” pode tomar muitas formas no trabalho etnográfico e perpassa vários ciclos de autorização e consentimento para a realização da investigação. Ao falar de produção de imagens em campos sensíveis, como o religioso, este debate se potencializa no sentido de pensar cada etapa da pesquisa, do projeto a comunicação dos resultados, como etapas que precisam de práticas de consentimento e restituição diferenciadas (ROCHA; ECKERT, 2014), fugindo de um “modelo geral” que atravesse de modo padronizado a investigação com imagens. Estamos diante, também, de uma questão fundamental do trabalho antropológico: como comunicamos para as pessoas com quem dialogamos o que é a antropologia e quais são os efeitos dessa prática em suas vidas? (DAMÁSIO, 2022). A participação, a restituição e o diálogo nos sensibiliza, também, para que as pessoas formem suas próprias percepções sobre o que fazemos e o que somos.

Imagem e Movimento”. As elaborações antropológicas de festa, festejo, peregrinação e dança estão presentes, assim como a ênfase do registro imagético de celebrações históricas, relacionando memória, patrimônio e acontecimentos que expressam tensões entre esses campos.

Nesse eixo, território, corpo, festa e peregrinação surgem na plasticidade da expressividade ritual que se conecta com a proposição estética e de composição dos ensaios. Nesse sentido, muitas das fotografias apontam para o ritual em sua eficácia, que “motivam as forças cósmicas a agirem em prol da humanidade” (LAGROU, 2006, p. 84).

Mesmo em situações como a do ensaio de “Na função — Fotoetnografia de um dia no terreiro de candomblé”, de Aisha Angéle Diéne (2021), no qual a autora traz os cuidados do cotidiano e convivência que um dia no terreiro evoca, a sua fotoetnografia é sobre os preparativos para que a festa ocorra bem, congregando humanos com Nkisses/Orixás, divindades das nações banto e iorubá, respectivamente. No mesmo Estado brasileiro, Thiago de Andrade Morandi em “Divino: A Festa do Divino em São João del Rei” (2021) constrói uma narrativa visual que tenta emular o movimento e a gestualidade das congadas, espelhando a plasticidade e a criatividade afro-brasileira no seu lidar com celebrações do catolicismo popular.

O movimento também é central no ensaio “Dia de São Jorge Ogum do Mundo” (2021) de Fábio Gama Soares Evangelista, agora com pesquisa junto a celebração do santo orixá na cidade do Rio De Janeiro. Na narrativa fotográfica do autor/fotógrafo, há a potência da imagem para evocar as relações entre Ogum e São Jorge de uma maneira muito mais potente do que a simples citação do conceito de sincretismo, conforme já mencionamos.

O ensaio de Paula Louise Fernandes Silva intitulado “Penedo te abraça, Penedo te quer bem: o festejo a Santo Antônio no antigo Barro Vermelho” (2021) articula cidade, território e religião, apresentando umas das principais articulações que queríamos trazer para o dossiê. Relação semelhante aparece no ensaio “Una estrella resplandece: danza, trabajo y servicio en la peregrinación al Señor de Qoyllurit’i” (2021), de Mirrah Iañez Gonçalves Da Silva e Sofía Silva, no qual as autoras elaboram uma paisagem andina que conecta território, corpo e sagrado na cidade de Cusco, no Peru. Nessas imagens, a cidade, o corpo e a religiosidade se amalgamam e questionam as fronteiras que tendemos colocar quando pesquisamos essas expressividades sociais em separado.

Ritual e (é) imagem: gestos, corpos e materialidades

Já mostramos que o ritual é uma noção antropológica básica para a nossa curadoria digital. As pesquisas, mesmo quando não evocam diretamente o conceito de ritual, apresentam recursos e expressividades bem mais criativos do que as definições tradicionais e modernas sobre o ritual na antropologia (PEIRANO, 2003).

Nessa esteira, o ensaio de Jean Souza dos Anjos (2021), “Laroyê, Exu Mulher! A Festa da Rainha”, celebra Maria Padilha das Sete Encruzilhadas com a sacralização do corpo, junto com a produção do axé pelo veículo vital do sangue, conectando-se com as entidades e estabelecendo um território de festa.

Algo semelhante, no que tange ao aspecto que conecta território e religiosidade, acontece no ensaio de Lucas Marques (2021), “O jabá de Ogum”, que apresenta o artífice Zé Diabo, na medida em que evoca a sua oficina enquanto um território onde, pela transformação do ferro por Zé Diabo, a oficina é ocupada pela composição de forças. Não somente nesses dois ensaios, mas como em todo o dossiê, o convite para a apreciação das imagens se faz necessário para uma compreensão dialogada dessa articulação território e religião.

Os encantos da encantaria: imagéticas do encantar-se

A encantaria é território infinito de possibilidades. Compõe, dentre muitos possíveis, territórios místicos que muitas vezes tem relação com as interseções com rios, igarapés, cachoeiras, beira-mares e diversas outras geografias. Apontamos, pelo menos, três concepções sobre a encantaria que podem ser relacionadas com os ensaios em questão: a) encantaria pode ser o território onde habitam os seres encantados; b) um modo de composição de mundo e de seres que conecta religiões de matrizes africanas e indígenas; c) pode ser uma ação, o ato de encantar o corpo, um ser, um território (VERAS, 2022).

A confluência é uma elaboração do poeta quilombola Antônio Bispo dos Santos, que nos ajuda a perceber como confluem o afro e o indígena, dentro de uma experimentação contra-colonial (SANTOS, 2015) da encantaria. É nesse sentido que o ensaio de Clédisson Junior (2021), “A sombra da Jurema”, reflete, junto a um terreiro de Jurema, a instalação de territorialidades negras e indígenas na cidade. Evidentemente, nessa instalação, os seres encantados também percorrem e fazem a paisagem e o território. Em consonância com a proposta desse ensaio, a experimentação de Kauã Vasconcelos

(2021) em “Um Toque para os Encantados”, utiliza a noção de “fundo” para compor a sua narrativa, povoando, ao mesmo tempo em que amplia, a geografia urbana, física e encantada, ao inserir a cidade de Soure, que está localizada no Marajó, maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo (SARRAF-PACHECO, 2018).

Articulando ainda a encantaria na Amazônia, Diego Omar da Silveira, Helon da Silva Coelho, Renan Jorge Souza da Mota e Yandrei Souza Farias (2021), contribuem em “Territórios encantados: etnografias visuais das religiões populares em Parintins (Amazonas) ” para esse diálogo entre corpo, território e encantaria. Finalmente, os ensaios que encerram esse eixo trabalham a encantaria entre nações indígenas: “O universo ritualístico do povo indígena Jiripankó: espaços, personagens e paisagens” (PEIXOTO; RODRIGUES, 2021), no sertão alagoano e “A performance ritualística no Toré Pankará — Fotoetnografia do encantamento” (MEIRINHO, 2021), na Serra do Arapuá, sertão pernambucano. Nesses ensaios, vestimentas, rituais e encantados modulam a experiência da chuva e a possibilidade da agricultura em um momento específico vivenciado junto aos Jiripankó. Por outro lado, o toré dos Pankará mobiliza encantados, espíritos e santos em expressões rituais de resistência e encantamento da paisagem da serra pernambucana.

Conclusões

As composições criativas entre as categorias mobilizadas pelo dossiê e que afetaram a curadoria: território, corpo e religião, renderam ampliações dos entendimentos dos territórios que se sacralizam configurados pelas ideias de pessoas fotografadas e seus aparatos técnicos, que reelaboram compreensões dialogadas com seus campos de pesquisas através de suas multiplicidades em ambientes urbanos, rurais, públicos e privados, mas sem cair em dualismos fáceis. Tais paisagens fotográficas dizem sobre as práticas de rituais que aí ocorrem. Referente as corporalidades apresentadas nas imagens do dossiê, percebemos diferenças de formas estéticas e performáticas de ser e estar no mundo, seja das pessoas e grupos que dão uma autorização ética para serem fotografadas em suas religiosidades, seja pelo corpo da própria fotógrafa e fotógrafo que “entra” em campo apresentando instrumentos e técnicas produtoras de imagens. Por fim, no que diz respeito a religião, em relação esse território e esse corpo, reunimos histórias fotográficas que na sua pluralidade de inspirações e formas de vivenciar o sagrado, se fizeram presentes através dos olhares cruzados de pesquisa das autoras e autores com seus respectivos campos de atuação.

Ao refletirmos sobre as potencialidades e possíveis limites da prática etnográfica com imagens, percebemos o quanto o campo religioso materializa tais discursões da pesquisa antropológica. Até onde, enquanto antropólogas e antropólogos, podemos produzir imagens do campo religioso? Aquém disso, como mobilizar nas imagens produzidas, as forças, os seres e as materialidades que circunscrevem e sustentam as realidades sociais, as quais a antropologia se interessa? As respostas para essas questões parecem perpassar os processos de descrições que realizamos sobre nossa vivência com o campo — sempre um feixe de muitas relações — sobre as formas que as pessoas com as quais nos filiamos consentem a produção de imagens, e, não menos importante, como restituímos essa prática visual. Somado a tudo isso, cabe perceber que a ética e a restituição configuram o próprio ato fotográfico. Aqui, a vida social dos seres “intangíveis” ou espirituais que configuram o religioso (BLANES; ESPÍRITO SANTO, 2013), apresentam outros chamados éticos.

Mesmo que tais questões não se restrinjam somente ao campo religioso, e sim a toda boa etnografia, percebemos nos ensaios expostos no dossiê uma preocupação significativa relacionada a estética e suas derivações éticas. Por fim, seguimos Jacques Rancière (2000), entendendo a partilha de imagens de campos religiosos como partilhas de sensibilidades. Sensibilidades que perpassam desdobramentos entre textos materializados em letras e fotografias materializadas em JPGs e outras materialidades/virtualidades. Tais atravessamentos se apresentam enquanto uma guerra de potências narrativas, uma trincheira de engajamentos e composições possíveis. Procuramos apresentar a experiência de curadoria digital desse dossiê demonstrando como a virada antirepresentativa da antropologia visual, mesmo que crítica, não execrou a produção textual. A linguagem escrita, circunscrita à sua dimensionalidade, continuará sendo uma partilha de sensibilidades, mas não a única. Embora ninguém esteja exigindo exclusividade.

Referências

ABALOS JUNIOR, José Luis; VERAS, Hermes de Sousa. Imagens da Religião: paisagens e territórios do sagrado. (Org.). *Fotocronografias*, v. 6, n. 12, p. 1–297, 2020.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. 1ª ed. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, Tomo Editorial, 1997.

ANJOS, Jean Souza dos. Laroyê, Exu Mulher! A Festa da Rainha. *Fotocronografias*,

Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/laroy%C3%AA-exu-mulher-a-festa-da-rainha-57b5cac3d662>>. Acesso em 26 mai 2023.

BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction. On the agency of intangibles. In: BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana (Eds.). *The social Life Of Spirits*. Chicago: The University of Chicago Press: 2013. p.1–32.

CALDEIRA, Teresa. Desigualdade e legitimidade. Problematizando a produção de conhecimento social. *Tempo Social*, v. 33, n. 3, p. 21–45, 2021.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

DAMÁSIO, Ana Clara. “Agora sei o que você faz, você conta histórias!”: notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público, alteridade, colonialidade e posicionalidade. *Cadernos de Campo (São Paulo)*, v. 31, n. 2, p. 1–24, 2022.

DIENE, Aisha Angéle. “Na função” — Fotoetnografia de um dia no terreiro de candomblé. *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/na-fun%C3%A7%C3%A3o-fotoetnografia-de-um-dia-no-terreiro-de-candombl%C3%A9-c64bf96ccd5>>. Acesso em 26 mai 2023.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Nunca em anexo!" Pesquisa, ensino e escrita con imagens em Antropología Audiovisual. *Trama*, n. 11, p. 10–32, 2020.

EVANGELISTA, Fábio Gama Soares. Dia de São Jorge Ogum do Mundo. *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/dia-de-s%C3%A3o-jorge-ogum-do-mundo-cf08c12a11c>>. Acesso em 26 mai. 2023.

GOLDMAN, Márcio. Formas do saber e Modos do Ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 102–120, 2005.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (Org.). *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de (s) colonial na “América Latina”*. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

JÚNIOR, Clédisson. A sombra da Jurema. *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/a-sombra-da-jurema-e8e617e81611>>. Acesso em 26 mai 2023.

LAGROU, Els. Rir do poder e o poder do riso nas narrativas e performances kaxinawa. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 1, p. 55–90, 2006.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma

sobre o texto de Birgit Meyer. *Debates do NER*, v. 18, n. 34, p. 47–54, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; CERVO, Matheus. Antropologia em outras linguagens: experiências com o projeto “O Livro do Etnógrafo”. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 7, n. 2, p. 213–241, 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia com imagens: práticas de restituição. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 2, n. 2, p. 11–43, 2014.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 75–90.

SAMAIN, Etienne (Org.). *Como pensam as imagens*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, Maria Iris Abreu. Experiência religiosa e teologia da prosperidade entre fiéis da Igreja Universal. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SARRAF-PACHECO, Agenor. Cartografia e Foto etnografia das Águas: modos de vida e de luta na Amazônia Marajoara. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 63–98, jan/jul, 2018.

SILVA, Mirrah Iañez Gonçalves da; SILVA, Sofia. Una estrella resplandece: danza, trabajo y servicio en la peregrinación al Señor de Qoylluriti. *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/una-estrella-resplandece-danza-trabajo-y-servicio-en-la-peregrinacion-al-se%C3%B1or-de-qoylluriti-a4d5f1cbde97>>. Acesso em: 26 mai 2023.

SILVA, Paula Louise Fernandes. Penedo te abraça, Penedo te quer bem: o festejo a Santo Antônio no antigo Barro Vermelho. *Fotocronografia*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/penedo-te-abra%C3%A7a-penedo-te-quer-bem-o-festejo-a-santo-ant%C3%B4nio-no-antigo-barro-vermelho-ac381b62ec3d>>. Acesso em: 26 mai 2023.

SILVEIRA, Diego Omar da; COELHO, Helon da Silva; MOTA, Renan Jorge Souza da; FARIAS, Yandrei Souza. Territórios encantados: etnografias visuais das religiões populares em Parintins (Amazonas). *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/territ%C3%B3rios-encantados-etnografias-visuais-das-religi%C3%B5es-populares-em-parintins-amazonas-a7cca95fba15#:~:text=Territ%C3%B3rios%20encantados%3Aetnografias%20visuais%20>>

[20das%20religi%C3%B5es%20populares%20em%20Parintins%20\(Amazonas\),-Fotocronografias&text=Resumo%3A%20Para%20al%C3%A9m%20da%20sua,provenientes%20do%20universo%20afro%2Dind%C3%ADgena> . Acesso em: 26 mai 2023.](#)

SOUTY, Jérôme. *Pierre Fatumbi Verger*. do olhar livre ao conhecimento iniciático. Tradução Michel Colin. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

VASCONCELOS, Kauã. Um Toque para os Encantados. *Fotocronografias*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/um-toque-para-os-encantados-82fb1d126d54>>. Acesso em: 26 jan 2021.

VELHO, Gilberto. Apresentação: Antropologia, Religião e Imagem. *Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ)*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 15–16, 1998.

VERAS, Hermes de Sousa. *Convivendo com seres encantados: encontros e percursos da encantaria de Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará*. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

Recebido em 1 de março de 2023

Aceito em 17 de maio de 2023.